

PRECISAMOS INVESTIR NA INVESTIGAÇÃO

Van der Zee J, Kroneman M, Bolívar B. Conditions for research in general practice. Can the Dutch and British experiences be applied to other countries, for example Spain? *Eur J Gen Pract* 2003; 9 : 41-77.

Zee e Madelon Kroneman, do Instituto Holandês para a Investigação em Serviços de Saúde (NIVEL) e da Universidade de Maastricht e, Boaventura Bolívar, da Fundação Jordi Gol i Gurina de Barcelona, identificam neste trabalho várias condições favoráveis ao crescimento da actividade de investigação assumindo que esta é indispensável ao desenvolvimento da especialidade de Clínica Geral. O seu trabalho apoia-se nas conclusões de Andrew Abbot, um sociólogo interessado na dinâmica das profissões, defensor do estudo das características de uma profissão em termos da sua relação dinâmica com outras profissões.

Os autores traduzem as condições explicitadas por Abbot para o desenvolvimento da dinâmica profissional na Clínica Geral, da seguinte forma: existência de uma associação científica, jornais sujeitos a revisão de pares (*peer-review*), uma população definida de pacientes para a prestação de cuidados, um sistema de «*gatekeeping*», disciplinas e departamentos de Clínica Geral nas Universidades, integração de centros educacionais e de investigação, Clínicos Gerais trabalhando em Centros de Saúde ou em grupo, um certo grau de independência do Ministério da Saúde, apoio financeiro aos Clínicos que conduzam actividades de investigação.

Ao descrever o desenvolvimento da Clínica Geral no Reino Unido e na Holanda segundo as condições anteriormente explicitadas os autores sugerem que o atraso relativo da investigação em Espanha se deve à re-

lação débil existente entre a especialidade de Clínica Geral e as Universidades, à falta de incentivos financeiros e à falta de independência dos Clínicos Gerais assalariados.

Apesar de se poder achar que existem outras condições favorecedoras do desenvolvimento da investigação em Clínica Geral, não se pode deixar de concordar com a importância das anteriormente descritas. Seria interessante reflectir, à luz deste trabalho, o que falta também a Portugal. A investigação é ou não uma prioridade para o desenvolvimento da profissão? Como podemos desenvolvê-la? As nossas organizações científicas podem fazer algo mais? Quem ler este artigo por certo terá várias ideias.

Isabel Santos
CS Oeiras